

O SETOR CERVEJEIRO NO BRASIL: GÊNESE E EVOLUÇÃO

Silvia Cristina Limberger¹

RESUMO

O presente trabalho busca demonstrar a gênese e desenvolvimento da indústria de cerveja no Brasil até os anos 30. Buscou-se destacar a importância do imigrante europeu, que trouxe de seu país de origem a prática de produção e o hábito de consumir da bebida. Tais imigrantes foram responsáveis pela transformação de uma produção artesanal em uma pequena produção mercantil que se tornou altamente capitalizada. Enfatizou-se o processo de substituição de importações que ocorreu anteriormente à política de substituição do Governo Vargas em 1930, pois essa primeira estratégia de substituição foi responsável por viabilizar a expansão da produção cervejeira nacional, que já apresentava alto grau tecnológico no início do século XX, e, era capaz de sustentar o mercado interno crescente. Nesse contexto as empresas Antarctica e Brahma demonstraram-se superiores as demais empresas em suas estratégias produtivas, e tornaram-se responsáveis pela concentração de capital no setor.

Palavras-chave: Geografia Econômica; indústria cervejeira; imigrantes; substituição de importações

NOTES ON THE GENESIS OF BREWER SECTOR IN BRAZIL

ABSTRACT

This paper seeks to demonstrate the genesis and development of the brewing industry in Brazil until the 30s. It intends to highlight the importance of European immigrants, who brought the consuming practice and way of producing the drink from their countries of origin. These immigrants were responsible for the transformation of a manufactured production into a small mercantile production which became highly capitalized. The process of import substitution that occurred prior to the replacement policy of the Government Vargas in 1930 is emphasized in the paper, since that first substitution strategy was responsible for enabling the expansion of the output of domestic breweries, which already had a high technological level in the early twentieth century, and was able to sustain the growing domestic market. In this context companies Antarctica and Brahma demonstrated to be superior to other companies in their production strategies, and became responsible for the concentration of capital in the sector.

Keywords: Economic Geography; brewing industry; immigrants; import substitution

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a origem da indústria cervejeira brasileira e a construção de uma estrutura oligopolista no início do século XX, onde muitas empresas fecharam suas portas ou foram incorporadas por outras maiores.

Para tanto, partiu-se da ideia de substituição de importações e o papel desempenhado pela pequena produção mercantil neste processo. Sobretudo, a partir da

¹ Docente colaboradora no Departamento de Geografia da UNICENTRO, Guarapuava (PR). E-mail: sillimberger@gmail.com.

imigração europeia que foi responsáveis pelas primeiras iniciativas industriais (MAMIGONIAN, 1976, 2004; SUZIGAN, 2000 e SILVA, 1976).

Deste modo, a indústria cervejeira foi criada, em sua totalidade, pela iniciativa de imigrantes europeus, a partir de seus próprios capitais trazidos de seus países de origem ou acumulados a partir do trabalho excedente no próprio país. Tais imigrantes instalaram-se em uma sociedade escravocrata exportadora e criaram uma pequena produção de mercadorias, formando a base do processo de industrialização brasileira.

A sociedade brasileira ao fim do século XIX e início do século XX compunha-se basicamente por grandes proprietários de terras, os escravos libertos, (que exerciam atividades agrícolas pouco remuneradas), e uma camada intermediária de pequenos comerciantes, artesãos e militares, como explica Mamigonian (1876). Nessa estrutura assentaram-se o imigrante europeu, como colono rural, que desenvolve a princípio uma economia natural, voltada para sua própria sobrevivência.

Com o crescimento do mercado urbano, alguns agricultores abandonaram as atividades rurais e se dedicaram as atividades de produção de bens em pequenas oficinas, das quais algumas incorporaram tecnologias e tornaram-se fábricas capitalistas. Outras deixaram de existir em detrimento da concorrência das maiores indústrias, que, com o desenvolvimento dos transportes e das vendas locais alcançaram as regiões mais longínquas do país.

O processo de produção em larga escala na indústria cervejeira foi viabilizado pela política de substituição de importações a partir de 1880. O Estado brasileiro considerou que, a produção nacional estava apta a substituir as importações da Inglaterra e principalmente da Alemanha². De 1881 até 1900 praticamente toda a cerveja importada foi substituída pela produção nacional, exceto a cerveja britânica Guinness. A substituição de importações desse período até os anos 30 também atingiu negativamente o setor, porque a matéria-prima utilizada (Malte e Lúpulo) e o maquinário eram importados da Europa, sobretudo da Alemanha e Áustria.

CRIAÇÃO DO SETOR CERVEJEIRO NACIONAL

A produção de cerveja no Brasil foi implantada pelos imigrantes europeus, principalmente os alemães. Registros históricos levantados pelo Portal Cervesia (2013)

² Versiani (1982).

apontam que a primeira cervejaria brasileira data 1637 e foi instalada pelo imigrante alemão Maurício de Nassau em Recife, que teria trazido uma fábrica desmontada da Europa e instalado no Brasil.

Outras fontes de dados obtidas pelo Portal Cervesia (2003) apontam que o Diário de Pernambuco de 1869 notificou que o Imperador decretou ter sido Henri Joseph Leiden o fundador da primeira fábrica de cerveja no Brasil no ano de 1842. Em 1846 a Imperial Colônia de Petrópolis fez a primeira estatística sobre a população do país trazendo informações sobre as atividades econômicas, constatando que, os 303 imigrantes da colônia alemã de Petrópolis estavam divididos em 32 profissões, dentre elas, um fabricante de cerveja³.

As primeiras cervejarias foram fundadas no Rio de Janeiro pelos imigrantes Voegelin & Bager, João Bayer, Henrique Krammer, Carlos Rey & Cia, Augusto Chedel e Henrique Leiden, Timóteo Duriez e Pedro Gerhardt. Em 1858 já existiam 6 fábricas de cerveja barbante⁴ no país.

Além do Rio de Janeiro onde se concentrava a maior parte da população brasileira no século XIX, outras cervejarias foram criadas nas regiões de colonização europeia do Sul do Brasil. Em 1836 iniciou-se o processo de fabricação de cerveja na região de Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul por Georg Heinrich Ritter, natural de Kempfeld/Alemanha. Em 1852 foi criada a primeira cervejaria de Santa Catarina, em Joinville, pelo imigrante suíço Albrecht Schmalz, o qual instalou seu maquinário trazido da Suíça.

Percebe-se assim, que o desenvolvimento do setor cervejeiro está fundamentalmente ligado às áreas de concentração dos imigrantes alemães. Conforme Mamigonian (2004) o fator principal para a industrialização foi a pequena produção mercantil transplantada da Europa no século XIX, que ocorreu em áreas de colonização do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. A migração europeia trouxe uma

³ As profissões desdobram-se em 38 categorias: 54 carpinteiros, 44 marceneiros, 29 pedreiros, 28 ferreiros, 28 sapateiros, 20 alfaiates, 14 cobridores de casas (6 em taboinhas, 6 em telhas e 2 em zinco), 6 tecelões, 5 serralheiros, 5 carneiros, 4 carvoeiros, 4 jardineiros, 4 cavouqueiros, 4 calceteiros e mais funileiros, torneiros, tanoeiros, fundidores, vidraceiros, fabricantes de cartas, idem de carroças, idem de pianos, oleiros, padeiros, ourives, moleiros, corrieiros, encadernadores, envernizadores, e até 1 fabricante de cerveja e uma parteira. (Centenário da Imperial Colônia de Petrópolis, de Guilherme Auler. Tribuna de Petrópolis de 1 de janeiro de 1961) (PORTAL CERVESIA, 2013).

⁴ A cerveja barbante foi a primeira cerveja do Brasil. Ela tinha um alto grau de fermentação que, mesmo depois de engarrafadas, produziam uma enorme quantidade de gás carbônico, criando grande pressão. A rolha era amarrada com barbante para impedir que saltasse da garrafa (CERVESIA 2013). Na Alemanha classificadas como cerveja Weissbier.

significativa divisão social do trabalho, formaram-se pequenos agricultores, artesãos, operários e pequenos comerciantes.

A sociedade brasileira tradicional, como existia no século XIX não possuía condições internas para se auto superar e promover o crescimento industrial. Os imigrantes europeus e asiáticos que se introduziram no Brasil constituíram-se no sangue novo que faltava: inseriram-se como classe média de considerável capacidade de produção e de consumo que cresceu mais e modificou nitidamente o conjunto da vida brasileira, provocando nosso ingresso num capitalismo de tipo europeu do século XIX. (MAMIGONIAN, 2004, p. 3)

Os imigrantes europeus além de trazer as habilidades industriais para o Brasil, tornando-se os primeiros empresários e mercado consumidor, por possuírem hábitos de consumo muito mais altos do que os antigos trabalhadores, os escravos. Segundo Portal Cervesia (2013) em 1853 as duas fábricas de cerveja de Carlos Rey e Chedal produziam 6 mil garrafas por mês sendo a metade da produção consumida pelos próprios trabalhadores da colônia que somavam 6 mil pessoas.

Conforme Mamigonian (1976) os imigrantes além de força de trabalho nas lavouras de café, se inseriram como grandes comerciantes exportadores e importadores, e também como pequenos comerciantes artesanais e comerciais.

Grandes empresários cervejeiros como Antonio Zerrenner e Adam Büllow, Friedrich Chistoffel, Bernhard Sassen, irmãos Richert e Heinrich Ritter, trabalhavam com importações e financiavam indústrias de cerveja antes de se tornarem industriais⁵.

Para o caso dos pequenos comerciantes artesanais, podemos citar vários exemplos de cervejarias criadas na segunda metade do século XIX por: Jacob Nauerth (56), Thimóteo Durier (59), Joaquim Chidal (59), Pedro Gherard, Henrique Leiden, Henrique Kremer (59), e Luiz Augusto Chedel (54) em Petrópolis⁶; George Gruner e Otto Emil Muller (79) em Niteroi; Joseph Villiger no Rio de Janeiro (88); Louis Bücher (68) e Henrique Stupakoff (92) em São Paulo; Henrich Feldmann Senior (98) em Blumenau/SC; Friedrich Wilhelm Metzenthin (92) em Ponta Grossa/PR; Herr Kunz (60) e José Weiss (79) em Juiz de Fora/MG; Nicolau Neiss (66) em São Vendelino/RS⁷.

Algumas iniciativas de produzir cerveja também vieram de empresários de origem brasileira e luso-brasileira. Foram fábricas que passaram por sucessivas vendas, e muitas desapareceram do mercado, como a *Fábrica de Cerveja Nossa Senhora da*

⁵ Kob (2000).

⁶ Petrópolis também contou com uma cervejaria fundada por colonos italianos a Cervejaria Mora (1893).

⁷ Portal Cervesia (2013).

Glória de Joaquim Antônio Teixeira (64), a *Fábrica de Cerveja Luzo-Brasileira* de Carvalho & Tavares (67) e a *Cerveja Lusitana*, de Costa Bastos e Carvalho (68)⁸.

Estudos do Portal Cervesia (2013) registraram a criação de 50 cervejarias no século XIX, sobretudo depois de meados do século. Dessas, 34 estavam localizadas no Rio de Janeiro, 6 em Minas Gerais, 6 em São Paulo, 4 no Rio Grande do sul, 2 em Santa Catarina, 2 no Paraná e 1 em Belo Horizonte.

Em geral as cervejas eram produzidas artesanalmente em oficinas de fundo de quintal com instrumentos simples e trabalho familiar, ou empregando de 2 a 18 trabalhadores em média. Algumas fábricas tiveram origem em oficinas maiores como é o caso das cervejarias Brahma e Antártica. A Brahma apresentava 32 trabalhadores quando foi criada em 1988, e a Antártica criada alguns anos antes, em 1990 já possuía 200 trabalhadores.

As cervejas brasileiras em geral, eram de alta fermentação porque faltava a tecnologia de resfriamento necessária para a produção, e a cevada era substituída por outros cereais como milho e arroz, em virtude das dificuldades de importações e de produção. Os processos de fabricação eram rudimentares, por exemplo, Nicolau Neiss que produzia cerveja de baixa fermentação no Rio Grande do Sul em 1866, enterrava a bebida para manter uma temperatura mais baixa do que a temperatura ambiente⁹. Também Friedrich Christoffel de Porto Alegre em 1878 produzia uma cerveja de baixa fermentação com a importação de gelo natural dos Estados Unidos, mas mesmo assim o clima tropical do país dificultava a regulação da temperatura da fermentação.

⁸ A sociedade urbana paulista foi construída na medida em que os fazendeiros de café enriqueciam e passavam a residir nas cidades, juntamente com senhores de engenhos e criadores de gado. Essa classe aristocrata não tinha hábitos de consumo interno, mas teve importância por iniciar a construção de uma estrutura básica fundamental para a industrialização, como a construção de ferrovias para escoar o café, o estímulo à vinda de imigrantes trabalhadores e a implantação de estabelecimentos bancários. Os ricos fazendeiros do café também deram início à produção industrial em setores alimentícios e de bens duráveis como têxteis, cervejarias, frigoríficos, fábricas de garrafas entre muitas outras (MAMIGONIAN, 1976). Porém a aristocracia agrária acabou perdendo seus negócios industriais para os imigrantes no início do século XX em decorrência de sua mentalidade agrária.

⁹ Kob (2000).

Nesse contexto, o alemão Louis Bücher¹⁰ associou-se em 1988 com Joaquim Salles que possuía um abatedouro com uma máquina de fazer gelo, e transformou o frigorífico na primeira fábrica brasileira de cerveja de baixa fermentação (KOB, 2000).

A máquina compressora frigorífica que fornece gelo artificial e mantém a temperatura mais baixa foi o grande avanço para a produção de cerveja no final do século XIX, pois permitia a fabricação da cerveja no padrão Bavária. A Antarctica e a Brahma lideravam a produção com a fabricação de cervejas qualitativamente comparadas as cervejas europeias¹¹.

Além da Antarctica e da Brahma que se localizavam em São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, em 1900 existiam algumas outras fábricas que investiram em tecnologia e passaram a produzir em “larga” escala. A Cervejaria Bavária¹² em São Paulo, a Cervejaria Bohemia¹³ no Rio de Janeiro, a Cervejaria Guanabara em São Paulo e a Cervejaria Lago & Co. no Distrito Federal, atual município da Guanabara.

No Sul do país existiam muitas pequenas fábricas, dentre as quais muitas também se equiparam, como a Cervejaria Ritter¹⁴ (64), Sassen (52) e Bopp (81) no Rio Grande do Sul, as quais utilizavam os maquinários mais aperfeiçoados da Alemanha. Em Santa Catarina, Blumenau era o centro cervejeiro e apresentava doze cervejarias no final no século XIX. As maiores eram as Cervejarias de Carlos Rieschbieter,¹⁵ Otto Jennerich e Heinrich Hosang¹⁶.

Para Kob (2000) as cervejarias artesanais encontravam espaço no mercado, ainda no início do século XX porque produziam as cervejas de alta fermentação, que custavam menos do que uma cerveja de baixa fermentação produzida industrialmente. Porém com o desenvolvimento de novas tecnologias e dos transportes, tornou-se mais vantajoso comprar a cerveja que chegava ao botequim local do que produzi-la.

O IBGE (2013) em dados estatísticos de 1907 demonstra que existiam 186 fábricas de cerveja no Brasil, empregando 2.942 funcionários com valor da produção estimado

¹⁰ Louis Bücher era de família cervejeira de Wiesbaden na Alemanha, instalou sua primeira fábrica de cerveja no Brasil em 1868.

¹¹ Kob (2000)

¹² Criada por Hamburgo Henrique Stupakoff.

¹³ A cervejaria Bohemia foi fundada em 1848 pelo alemão Henrique Leiden, e adquirida em 1958 pela família Kremer. Em 1898 Henrique Kremer (neto) em associação com Guilherme Bradac, utilizou todos os bens da antiga fábrica de seu avô Henrique Kremer, criada (PORTAL CERVESIA, 2013).

¹⁴ A produção da Cervejaria Ritter e Filhos em 1894 eram de 20 hectolitros por ano e possuía 55 funcionários, distribuídos principalmente no sistema de envase (encher fechar e por em ordem as garrafas) (PORTAL CERVESIA, 2013).

¹⁵ Em 1907 possuía quatro funcionários e uma máquina a vapor, em 1913 adquiriu máquinas de motores elétricos e expandiu a produção para 100 mil garrafas por ano.

¹⁶ Kob (2000).

em 22.686 contos de reis. A indústria cervejeira estava entre dos 10 setores industriais com maior valor da produção, ficava atrás somente da usinagem de açúcar, produção de calçados, manuseio do charque, fiação e tecelagem do algodão, fundição e obras de metais, moagem de cereais e cerrarias e carpintarias.

A POLÍTICA DE SUBSTITUIÇÃO DE IMPORTAÇÕES COMO ALAVANCA PARA O DESENVOLVIMENTO DO SETOR

A industrialização brasileira se deu pelo processo de substituição de importações na fase “b” do Terceiro ciclo de Kondratieff, que ocorreu a exemplo das fases “b” do Primeiro e do Segundo ciclo, porém agora com caráter industrial. A pequena produção mercantil formou as bases para a substituição de importações da década de 30, “[...] porque tínhamos uma produção de mercadorias e não uma produção natural ou de autoconsumo” (RANGEL, 1990, p. 160). Além disso, a industrialização encontrou uma base de serviços e utilidades públicas, como transportes, ferrovias, navegação, serviço de água, luz e energia, correios, telégrafos, etc.

As primeiras cervejarias brasileiras¹⁷ foram criadas na fase “b” do primeiro ciclo, como uma pequena produção, primeiramente voltadas para o consumo próprio e depois para o mercado local.

No período da primeira dualidade (1790 – 1844/45)¹⁸ já havia iniciativas de produzir manufaturas internamente. A abertura dos portos deu liberdade à colônia, mas pouco se pode fazer por causa da concorrência dos produtos dos países centrais. Na fase “b” do ciclo (1815-1844/45), a substituição de importações assumiu características de diversificação das atividades produtivas no interior das fazendas de escravos, onde a competição das indústrias estrangeiras chegava mais enfraquecida, atividades como serviços e a indústria de transformação.

Segundo dados do Portal Cervesia (2013) nas décadas de 50 e 60 foram criadas 24 cervejarias, em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e principalmente no Rio de Janeiro. Versiani (1982) traz o dado de que em 1870 existiam no Império, pelo

¹⁷ Cervejaria Brasileira (36), Cervejaria Schoenbourg (40), Cervejaria Henrich Ritter (46), Cervejaria Leiden (48), Cervejaria Vogelin & Bager (48).

¹⁸ A independência do Brasil firmou a primeira dualidade brasileira em uma conjuntura externa de capitalismo mercantil Português e de capitalismo industrial, nascente nos países mais avançados da Europa, enquanto internamente desenvolviam-se relações de escravismo e de feudalismo. A combinação dessas estruturas tornou os senhores de escravos detentores do poder hegemônico em aliança com o capital mercantil. Segundo Rangel (2005) esses comerciantes eram quase todos estrangeiros e formaram o que há de novo na sociedade brasileira, mas constituíam uma classe ainda politicamente desprezada para o poder.

menos, 18 fábricas de cerveja produzindo de 8 a 10 milhões de garrafas por ano. E, ainda afirma Kob (2000) que, os importadores já se queixavam durante os anos 60 em relação a crescente concorrência da produção da bebida nacional.

Conforme Suzigam (2000), em 1870 a produção cervejeira nacional já estava reduzindo importações. A produção havia atingido 66,7 milhões de litros e consumido 6.000 a 7.000 barris de malte e 20.000 quilos de lúpulo. Sendo assim, os primeiros passos do setor não foram dados a partir da proteção tarifária, essa foi estabelecida quando a produção já tinha alguma capacidade de fazer concorrências aos produtos externos e abastecer o mercado nacional.

A partir dos dados apresentados no quadro a seguir (quadro 1), pode-se verificar que a substituição de importações no setor cervejeiro aconteceu na fase “b” do Segundo Kondratieff¹⁹ que tem início em 1870. Até 1895 as cervejas nacionais faziam frente à concorrência das cervejas inglesas, de alta fermentação, mas não às cervejas alemãs de baixa fermentação, em decorrência dos altos custos em capital fixo para produzir o produto nos moldes alemão, em contrapartida ao clima tropical brasileiro. Porém em 1900 as empresas nacionais supriram praticamente toda a demanda de importação das cervejas alemãs.

Quadro 1: Importações brasileiras de cerveja – 1877/1900

Ano/Exportadores	Reino Unido	%	Alemanha	%
1877	27.559	86,47	2.999	10,31
1881	13.545	54,45	28.322	44,10
1895	6.136	13,86	28.818	65,11
1900	934	98,42	15	1,58

Fonte: Kob, 2000. Organizado pela autora

Nota: nos anos de 1877 e 1881 as importações de dividiam nas categorias de barris e caixas. Nos anos de 1895 e 1900 todas as importações são contadas através de caixas, pois passaram a ser importadas em sua totalidade em garrafas.

Em 1890 o governo republicano aumentou as tarifas de importações e introduziu o direito dos pagamentos em ouro com a finalidade de aumentar a receita pública, mas como a taxa de cambio depreciou-se nos anos de 1900 e 1901, o pagamento em ouro foi

¹⁹ O desenvolvimento econômico da Segunda Dualidade foi impulsionado pelo capitalismo mercantil, agora como classe hegemônica em aliança com o latifúndio feudal, foi uma preparação para a revolução industrial dos anos 30. O país passou a ter uma produção de mercadorias e não simplesmente uma produção para autoconsumo, apesar de essas mercadorias serem produzidas por processos artesanais e manufatureiros. Não tínhamos capacidade de produzir bens de produção e nem um mercado consumidor para a produção industrial, assim a substituição de importações teve caráter artesanal na diversificação da produção interna (RANGEL, 2005).

substituído por uma porcentagem adicional sobre os direitos de importação, ficando uma tarifa de 60% sobre a cerveja (SUZIGAM, 2000).

Em 1900 a tarifa de importações para a cerveja era de \$750 por quilo para o produto em barril e de 500 sobre o produto em garrafa e 25% deveria ser pago em ouro. Em 1904 esses direitos foram reformulados passando para \$ 200 por quilo para a cerveja em barril e \$ e os mesmos 500 para cerveja em garrafa, mais os 25% do total ouro²⁰. Frente a essas decisões os exportadores britânicos pressionaram o governo brasileiro a reformular as tarifas.

Os britânicos foram apoiados pelo Ministério da Fazenda, e juntos lançaram uma Lei Orçamentária que visava uma nova tarifa com redução de 67% do valor da tarifa em mil-réis a ser paga por quilo. Diante disso, os empresários nacionais se organizaram juntamente com o Centro Industrial, apoiados pela imprensa, e pediram o não cancelamento do acordo tarifário de 1904. Por fim, o Congresso nacional decidiu discriminar a cerveja preta britânica de marca Guines, da pauta de substituição de importações. Utilizando a justificativa de que as fábricas nacionais do Rio de Janeiro eram financiadas e operadas por alemães²¹.

Conforme Versiani (1982, p. 470) “Tarifas preferenciais para cerveja preta não prejudicariam os produtos internos já que esse tipo de cerveja não era produzido no Brasil”. O que me parece um equívoco, porque muitas pequenas cervejarias brasileiras produziam somente a cerveja escura. Santa Catarina, por exemplo, teve sua primeira cervejaria de baixa fermentação em 1925²².

A pequena produção de mercadorias foi uma preparação para a industrialização substitutiva de importações, o mercado expandiu-se com a produção de mercadorias e não mais produção de subsistência. Os investimentos feitos na fase “b” do Segundo Kondratieff permitiram a continuidade da produção durante a fase “a” do próximo ciclo, nesse período foram criadas 32 cervejarias²³. A partir de 1890 começa-se a observar uma tendência a concentração do mercado a partir dos processos de aquisições e fusões entre as cervejarias.

²⁰ A proteção tarifária dada a indústria da cerveja em 1904 foi importante pela conseqüente substituição de importações do produto e pela redução no preço de importação do malte, pois conforme Versiani (1982), o preço do malte caiu de \$0,80 em 1900 por quilo para \$0,40 em 1904.

²¹ Versiani (1982).

²² Cervejaria Catharinense (1923).

²³ Portal Cervesia (2013).

Em 1904 a Cervejaria Brahma fundiu-se com sua concorrente a Cervejaria Teutônia, criada por Preiss Haussler em Mendes Rio de Janeiro²⁴ no início do século XX. E, a Antarctica adquiriu sua concorrente em São Paulo, a Cervejaria Bavária. Em 1921 a Cervejaria Guanabara (uma das mais antigas do país) foi adquirida pela Brahma. No Rio Grande do Sul o processo de concentração também foi presente, as Cervejarias Bopp, Sassen e Ritter fundiram-se e criaram a Cervejaria Continental.

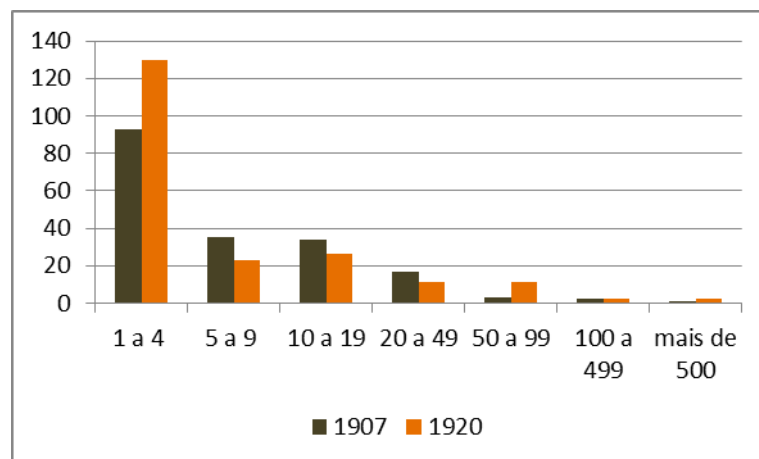
Dentre as cervejarias criadas na fase “a” do Terceiro ciclo longo, a de maior destaque foi a Companhia Cervejaria Paulista, em São Paulo, a Cervejaria Loeffler Canoinhas/SC e, a primeira filial da Antarctica em Ribeirão Preto/SP. Na década de 20 no Paraná, a Cervejaria Adriática foi transformada em Sociedade Anônima e a Cervejaria Oceana encerrou suas atividades.

Nos dados apresentados no gráfico a seguir, pode-se analisar a variação no número dos estabelecimentos industriais através do número de funcionários. Assim analisa-se: i) a substituição de importações induzida pela alta taxaço sobre as importações no início do século XX tornou o mercado atraente para os produtores nacionais, pois além de substituir importações, as cervejas nacionais eram fabricadas por um preço menor do que as importadas, tornando o mercado crescente. Por esse motivo os dados apontam para 93 estabelecimentos de 1 a 4 trabalhadores em 1907, e 130 estabelecimentos em 1920; ii) por outro lado, há um processo de concentração de capital pois, diminuiu o número de empresas de 5 a 49 trabalhadores, (86 estabelecimentos para 65), e houve o aumento do número de estabelecimentos de 50 a 99 trabalhadores, (3 para 11 estabelecimentos). E ainda, ocorreu o aumento do número dos estabelecimentos de 100 a 499 trabalhadores e de 500 trabalhadores a mais, de 2 para 6 e de 1 pra 2, respectivamente.

Pode-se entender que, os menores estabelecimentos tem seu mercado restrito a uma região local e/ou regional, enquanto que, os maiores estabelecimentos, que somam 8 indústrias de mais de 100 trabalhadores, atuam sobre a maior parte do mercado.

Gráfico 1: Estrutura do setor cervejeiro – 1907 a 1920 (número de trabalhadores nos estabelecimentos industriais)

²⁴ A Brahma desativou a fábrica em Mendes e resta-la no Rio de Janeiro.



Fonte: Kob, 2000.

Conforme Suzigan (2000) com base nos dados do censo industrial de 1907, das 186 indústrias existentes nesse ano, 133 eram pequenas fábricas operadas manualmente, 53 fábricas eram movidas a energia, e dessas, as quinze maiores eram responsáveis por três quartos da produção com 85,5% do capital, 90,4% da potência instalada e 60% da mão-de-obra ocupada pelo setor. As três maiores indústrias eram a Companhia Cervejaria Brahma, a Companhia Antártica Paulista e a Fábrica de Cerveja Paraense, as quais controlavam mais de 50% do mercado, 62,9% do capital, 68% da potência instalada e 47,3% da mão-de-obra empregada.

O período que corresponde à fase “a” do Terceiro Kondratieff foi marcado pela contração da capacidade de importar, em decorrência da Primeira Guerra Mundial. O que significou um problema para o setor, o qual era totalmente dependente do mercado externo na compra de máquinas e de matéria-prima²⁵.

A partir dos dados dos gráficos a seguir podem-se observar as flutuações na produtividade do setor de cerveja nacional, que está relacionado com os períodos de guerras, com a crise do mercado mundial na década de 20 e com o aumento das taxas internas de importações em 1930.

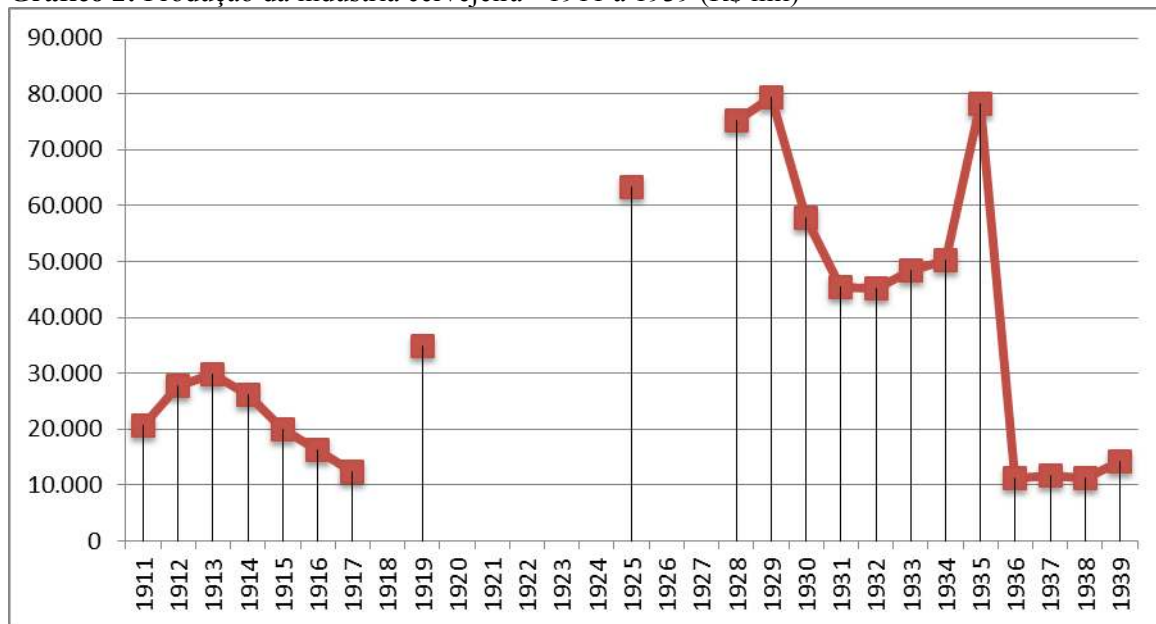
O gráfico 2 demonstra a queda na produtividade durante a grande depressão de 1914 a 1918. Em 1913 a produção girava em torno de R\$ 29.819 mil, caindo para R\$ 12.364 mil em 1917.

²⁵ O Malte sempre representou um problema para as cervejarias brasileiras, porque o clima do país não é propício para o seu cultivo, por isso as primeiras cervejarias usavam outros produtos como milho e arroz.

Na década de 1920 a produção parece ser crescente, embora faltem alguns dados, alcançando em 1929 o pico de produtividade (R\$ 79.273 mil), desmoronando em 1930 para R\$ 57.818 mil e em 1931 para R\$ 45.455 mil.

No primeiro quinquênio da década de 1930 a produção se manteve estável com crescimento em 1935 (R\$ 78.182 mil) e brusca queda em 1936 (R\$ 11.273 mil) em decorrência do início da Segunda Guerra que limitou as trocas entre os países e do aumento das restrições de importações da economia nacional.

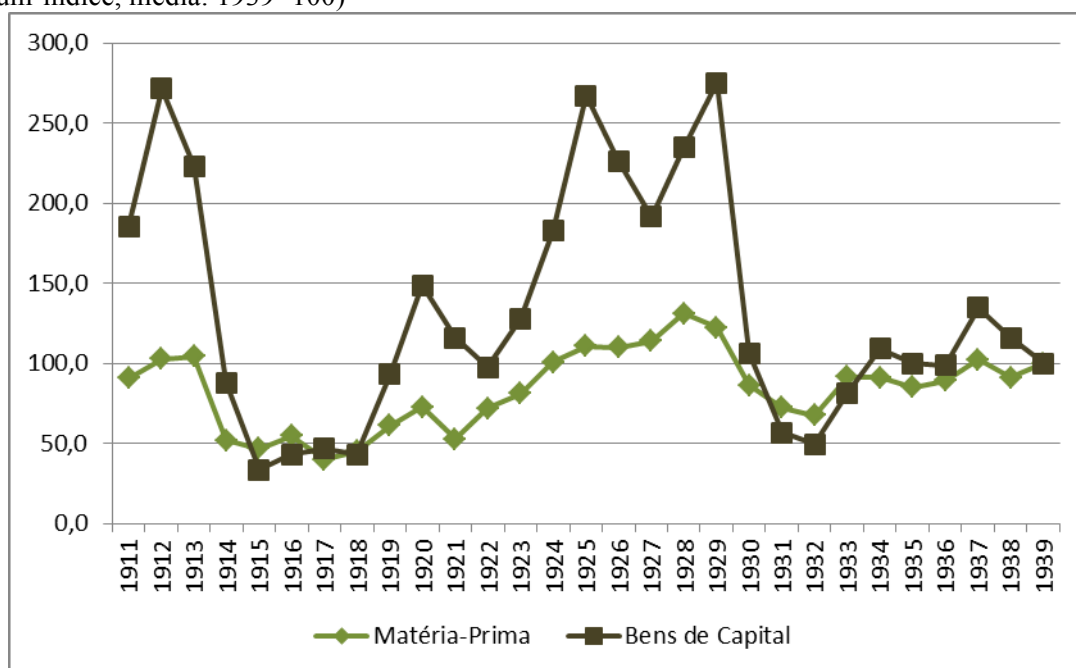
Gráfico 2: Produção da indústria cervejeira - 1911 a 1939 (R\$ mil)



Fonte: IPEADATA

No gráfico 3 pode-se observar que as flutuações na produção cervejeira estão diretamente relacionadas com as importações de matéria-prima e de bens de capital. Nos momentos de contração do mercado externo e diminuição das importações, 1914 a 1918 e a década de 1930, principalmente 1930, 1931 e 1932, há queda na produção cervejeira. Desse mesmo modo nos momentos de maior volume de importações de máquinas e matérias-primas, 1912, 1913 e o crescente de 1928 e 1929 a produção cervejeira aumentou. Em 1933 e 1934 observamos crescimento nas importações e consequente aumento na produção cervejeira em 1935.

Gráfico 3: Importações brasileiras de matérias-primas e bens de capital – 1911 a 1940
(Quantum-índice, média: 1939=100)



Fonte: IPEADATA

Suzigam (2012) expõe os dados de importações de máquinas para a indústria cervejeiras vindas da Alemanha e dos Estados Unidos. Até 1909 as exportações não passavam de 8.57 (preços de 2013), de 2010 a 2013 as importações chegaram a 27.575 (expansão da produção – gráfico 2), caindo consecutivamente para 157 de 1915 a 1921. De 1922 a 1929 alcançaram 19.572 (expansão da produção – gráfico 2) caindo novamente no período de 1930 e 1931 a 5.5451, com recuperação entre 1932 a 1939, chegando a 11.172.

Demonstra-se assim, que no momento da revolução burguesa brasileira as principais indústrias já tinham estabelecido um rumo para o setor cervejeiro nacional. Conforme Tavares (1973) dentro do próprio modelo agrário exportador teve lugar um vigoroso processo de urbanização e o desenvolvimento de uma série de indústrias como alimentos, bebidas, mobiliário, roupas, etc. Também conforme Rangel (2005 – Introdução ao desenvolvimento econômico brasileiro), dentro do próprio complexo rural forma-se uma divisão social do trabalho que leva a produção natural a ser uma produção para o mercado.

O processo da revolução burguesa além de intensificar a divisão social do trabalho e engrossar os centros urbanos, trouxe uma ideologia industrializante, pautada

no desenvolvimento nacional, guiado pela atuação do Estado, o qual garantiria a estrutura básica e daria condições para em desenvolvimento industrial integrado²⁶.

Dessa forma a expansão da indústria cervejeira foi viabilizada pelo melhoramento dos transportes que criava uma maior integração entre as regiões, em especial nas regiões mais distantes dos maiores centros urbanos. A Cerveja Brahma passou a ser engarrafada²⁷ (Brahma Chopp) em grande escala, tornando-se a cerveja mais consumida no país. Passou de uma produção de 8 milhões de litros em 1910 para 30 milhões de litros em 1934²⁸.

Porém a produção total da bebida em valores foi decrescente no decorrer da década, passando de R\$ 79.273 mil em 1929 para R\$ 57.818 em 1930 e R\$ 45.455 mil em 1931, alcançando R\$ 14.109 mil em 1939. Fato que pode ser explicado pela pressão norte-americana sobre o intercâmbio comercial teuto brasileiro com a Alemanha. Conforme Abreu (1990) a partir de 1934-35 os Estados Unidos passaram a encarar como uma ameaça o intercâmbio comercial teuto-brasileiro em acordos bilaterais de comércio, principalmente com a Alemanha. As importações de máquinas para as cervejarias brasileiras diminuíram na década de 30, comparado com a década anterior (de 19.572 (preços de 1913) de 1922-29, para 11.172 de 1932-1939)²⁹.

Houve um crescimento da produção de cerveja em 1934 e 1935, que coincide com o Governo Constitucional de Vargas (34 – 37), o qual liberalizou a política cambial, mas orientou as taxas de importações e manteve-as constantes em todo o período. Essa queda de produção a partir de 1936 (Gráfico 02) pode estar relacionada com a contração das importações de matérias-primas, em decorrência do fechamento do mercado mundial com a Segunda Guerra.

Nos anos 30 as maiores indústrias faziam concorrência com as cervejarias regionais, considerando que tais indústrias possuíam tecnologia de baixa fermentação, e que a preferência do consumo se direcionava cada vez mais para essas cervejas, frente às cervejas de alta fermentação, produzidas pelas fábricas que não inovaram sua

²⁶ A revolução de 1930 marcou uma nova etapa na história do Brasil com o estabelecimento das condições políticas necessárias para a substituição dos processos produtivos artesanais em pequena escala pela produção industrial. A revolução burguesa brasileira foi liderada pela burguesia industrial, em substituição ao capitalismo mercantil, em aliança com o latifúndio feudal, forte e consolidado, assegurando um capitalismo com traços feudais sem a divisão do latifúndio e a interferência política do proletariado.

²⁷ A cultura de engarrafar e rotular as cervejas sempre existiu no país, mas não de forma industrial em larga escala.

²⁸ Portal Cervesia (2013).

²⁹ Suzigan (2000).

tecnologia. Outras cervejarias podem ter sido expulsas do mercado pela crise nas importações de matéria-prima a partir de 1935.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não teríamos os como entender a constituição da indústria cervejeira nacional sem entender a sua gênese, que está diretamente ligada a cultura e colonização alemã no Brasil, principalmente na região Sul. Os europeus por possuírem hábitos mais avançados do que a população brasileira, em geral escravos libertos, tornaram-se além de fabricantes, consumidores de diversos produtos ainda não consumidos pela população brasileira.

Considera-se importante o setor cafeeiro no processo de industrialização por fornecer as bases de infraestrutura, transporte, e viabilizar as imigrações estrangeiras, mas não como fundador da indústria, pois esta teve início com a pequena produção mercantil nas fazendas de café da região Sudeste ou nas regiões de colonização europeia do Sul do país.

A indústria cervejeira nacional teve início com pequena produção mercantil realizada pelos imigrantes europeus nas áreas de colonização, como uma produção doméstica destinada as necessidades da família. O desenvolvimento da divisão social do trabalho nas colônias levou a uma produção voltada para o mercado local, a oficina cervejeira passou a empregar trabalhadores e aumentar a produção. No final do século XIX o governo brasileiro considerou o crescimento da produção interna de cerveja apta a abastecer o mercado nacional e estabeleceu tarifas de proteção às importações da bebida. O processo de substituição de importações, juntamente com a incorporação de máquinas frigoríficas que permitia a fabricação da cerveja de baixa fermentação em escala industrial, firmaram as bases capitalistas do setor antes mesmo da revolução de 30.

A produção de cerveja de baixa fermentação com a utilização de máquinas modernas fazia frente aos produtos europeus. A cerveja *lager* tornou-se a cerveja preferida da população brasileira, (tal como em todo mundo), e substituiu o consumo da cerveja de alta fermentação fabricada pelas menores empresas. A cerveja *lager* era comercializada a baixos custos em decorrência da utilização de máquinas altamente produtivas e poupadoras de mão-de-obra, o que levou ao desaparecimento dos pequenos estabelecimentos, principalmente com progresso do sistema dos transportes.

As indústrias que não incorporam tecnologia fecham as portas após 1920, as que incorporavam, enfrentaram a forte concorrência dos grupos Antarctica e da Brahma que realizaram políticas de concentração de capital através de fusões e aquisições. Em 1930 as duas empresas tinham a liderança do setor na região Sudeste e direcionavam-se para o Sul do país, que sustentava importantes fábricas de menor porte.

Nos anos 30 pode-se verificar a concentração do setor em três empresas, as quais surgiram da pequena produção mercantil realizada por imigrantes europeus: a Cervejaria Antarctica em São Paulo, a Cervejaria Brahma no Rio de Janeiro e a Cervejaria Continental no Rio Grande do Sul. Conforme Suzigam (2000), as três cervejarias mais a Cerveja Paraense no Pará, controlavam mais de 50% do mercado, 62,9% do capital, 68% da potência instalada e 47,3% da mão-de-obra empregada.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. P. Crise, crescimento e modernização autoritária: 1930-1945. In: ABREU M. A. A. **Ordem do Progresso: cem anos de política econômica republicana 1889-1989**. Ed. 3. Rio de Janeiro: Campus, 1990. P. 73-104.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA (IPEA). **IPEADATA: SÉRIES HISTÓRICAS**. Disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br/>> Acesso em: 20/02/2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **ESTATÍSTICAS DO SÉCULO XX**: Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/seculoxx/economia/economia.shtm>>. Acesso em: 20/02/2013.

KOB, Edgar. Como a cerveja se tornou bebida brasileira: a história da indústria de cerveja no Brasil desde o início até 1930. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, v. 161, n. 409, p. 29-58, 2000.

MAMIGONIAN, Armen. O processo de industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 50, março de 1976.

MAMIGONIAN, Armen. **Estudos de Geografia Econômica e de Pensamento Geográfico**. Livre Docência: FFLCH-USP, 2004.

PORTAL CERVESIA. **História da Cerveja**. Disponível em: <<http://www.cervesia.com.br/>>. Acesso em 23: 23/05/2013.

RANGEL, Ignácio. O quarto Ciclo de Kondratieff. **Revista de Economia Política**, v. 10, n° 4 (40), outubro-dezembro, 1990. p. 30-43.

RANGEL, Ignácio. **Obras Reunidas**. V. 1 e 2. Rio de Janeiro: Contraponto/BNDES, 2005.

SILVA, Sérgio. **Expansão cafeeira e origem da indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa Omega, 1976.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria Brasileira: origem e desenvolvimento**: São Paulo: Hucitec, 2000.

STEFANELLO DAL RI, Gustavo. Estratégias de suprimento de matérias-primas para grandes cervejarias: estudo de caso da estratégia de aquisição de malte pela Companhia Cervejaria Brahma. **Dissertação (Mestrado em Administração)** – Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 1999.

TAVARES, Maria da conceição. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VERSIANE, R. O. Proteção tarifária e crescimento industrial nos anos 1906/12: o caso da cerveja. **Pesquisa Planejamento Econômico**. Rio de Janeiro, n. 12, 455-488, ago. 1982.